

Jornal do SINDHOSP

Ano XXXIII | ed. 372 | Mar | 2016



IEPAS ANUNCIA ABERTURA DE INSCRIÇÕES PARA CONGRESSOS DE GESTÃO

Abordagens inovadoras e convidados
inéditos marcam programação

Páginas centrais

**Projeto Bússola chega à
terceira edição**

Páginas 4 e 5

**Dispositivos médicos
precisam de gestão**

Páginas 11

O DURO GOLPE DA CORRUPÇÃO

O atual ministro da Educação, Aloizio Mercadante, anunciou que falta formação a quase 40% dos professores de escolas públicas do Brasil. Simplesmente 200.816 professores dão aulas em disciplinas nas quais não são formados, especialmente em matérias como matemática, física e português. Ainda: mais de 90 mil docentes não têm sequer formação superior, o que representa 12,7% dos profissionais da educação em atividade no país.

Concomitante aos números, Mercadante disse que o governo aumentará o número de vagas para a formação desses professores sem diploma ou sem especialização, ainda no segundo semestre deste ano. É a pátria educadora, chegando com um atraso de 13 anos. Dá a impressão que o governo precisou de mais de uma década para perceber que a educação vai mal.

Assim como a saúde. Recentemente, Conselho Federal de Medicina (CFM) e a Associação Médica Brasileira (AMB) denunciaram à Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) o alto número de mortes evitáveis no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS), diariamente, em todo o Brasil, devido à falta de medicamentos e infraestrutura. Faltam quimioterápicos nos protocolos básicos, condições de acesso à hemodiálise, à radioterapia, à atenção à maternidade infantil.

O cenário se torna mais desfavorável quando sabemos que, este ano, o setor tem menos recursos em caixa. O orçamento de 2015 do Ministério da Saúde representou 14,8% das receitas líquidas da União (R\$ 91,5 bi). Para 2016, com base na Emenda Constitucional 86/2015, houve uma queda para 13,2% das receitas líquidas, ou seja, a saúde perdeu quase R\$ 10 bilhões. Estudo do Conselho Nacional de Secretarias Municipais de Saúde (Conasems), que reúne 5.770 cidades, mostra que só existem recursos para atendimento aos usuários do SUS até setembro de 2016.

Dados sem dúvida nenhuma já superados, de 2012, da Organização das Nações Unidas (ONU), denunciavam que os custos da corrupção no Brasil chegariam a R\$ 200 bilhões por ano. Em dois anos de atividade, a Operação Lava Jato recuperou R\$ 3 bilhões. O preço da corrupção sistêmica liderada por este governo criminoso é devastador. Porque produz resultados desastrosos como os que cito aqui. Em áreas essenciais e básicas como a educação – da qual depende o futuro do país – e a saúde – que envolve qualidade de vida e dignidade. Uma pequena mostra do gigantesco prejuízo que somamos, dia a dia.

E ainda há quem diga que o golpe é o *impeachment*.

presidente
Yussif Ali Mere Jr



Foto: NELIZANAKAHARA

Jornal do
SINDHOSP



SINDHOSP - Sindicato dos Hospitais, Clínicas, Casas de Saúde, Laboratórios de Pesquisas e Análises Clínicas e demais Estabelecimentos de Serviços de Saúde do Estado de São Paulo • **Diretoria** | Efetivos • Yussif Ali Mere Jr (presidente) • Luiz Fernando Ferrari Neto (1º vice-presidente) • George Schahin (2º vice-presidente) • José Carlos Barbério (1º tesoureiro) • Antonio Carlos de Carvalho (2º tesoureiro) • Luiza Watanabe Dal Ben (1ª secretária) • Ricardo Nascimento Teixeira Mendes (2º secretário) / Suplentes • Sergio Paes de Melo • Carlos Henrique Asséf • Danilo Ther Vieira das Neves • Simão Raskin • Irineu Francisco Debastiani • **Conselho Fiscal** | Efetivos • Roberto Nascimento Teixeira Mendes • Gilberto Ulson Pizarro • Marina do Nascimento Teixeira Mendes / Suplentes • Maria Jandira Loconto • Paulo Roberto Rogich • Lucinda do Rosário Trigo • **Delegados representantes** | Efetivos • Yussif Ali Mere Jr • Luiz Fernando Ferrari Neto | Suplentes • José Carlos Barbério • Antonio Carlos de Carvalho • **Escritórios regionais** • BAURU (14) 3223-4747, bauru@sindhosp.com.br | CAMPINAS (19) 3233-2655, campinas@sindhosp.com.br RIBEIRÃO PRETO (16) 3610-6529, ribeiraopreto@sindhosp.com.br | SANTO ANDRÉ (11) 4427-7047, santoandre@sindhosp.com.br | SANTOS (13) 3233-3218, santos@sindhosp.com.br SÃO JOSÉ DO RIO PRETO (17) 3232-3030, sjrp@sindhosp.com.br | SÃO JOSÉ DOS CAMPOS (12) 3922-5777, sjc@sindhosp.com.br | SOROCABA (15) 3211-6660, sorocaba@sindhosp.com.br **JORNAL DO SINDHOSP** | Editora – Ana Paula Barbulho (MTB 22170) | Editora interina: Aline Moura (MTB 42946) | Reportagens – Aline Moura • Ana Paula Barbulho • Fabiane de Sá • Rebeca Salgado Produção gráfica – Ergon Art (11) 2676-3211 | Periodicidade Mensal | Tiragem 15.300 exemplares | Circulação entre diretores e administradores hospitalares, estabelecimentos de saúde, órgãos de imprensa e autoridades. Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião do jornal | Correspondência para Assessoria de Imprensa SINDHOSP R. 24 de Maio, 208, 9º andar, São Paulo, SP, CEP 01041-000 Fone (11) 3224-7171, ramais 255 e 214 • www.sindhosp.com.br • e-mail: comunicacao@sindhosp.com.br

OFICINA DISCUTE REGRAS PARA FUNCIONAMENTO DE LABORATÓRIOS

Por meio de seu Comitê de Laboratórios, a FEHOESP promoveu uma oficina de trabalho para discutir mudanças na RDC 302/2005, no dia 3 de março, na capital paulista.

Editada pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), a Resolução da Diretoria Colegiada 302 funciona como o regulamento técnico para funcionamento dos laboratórios clínicos no país. Porém, como já se encontra ultrapassada em muitos de seus pontos, a norma deve ser revisada pela agência em breve.

Antecipando-se à decisão oficial do governo, a oficina realizada pela Federação contou com a participação e colaboração prévia do setor, que encaminhou sugestões de melhorias para discussão durante o evento. “Gostaria de agradecer todas as colaborações que recebemos das entidades do setor”, ressaltou na abertura dos trabalhos o diretor da FEHOESP e coordenador da oficina, Luiz Fernando Ferrari Neto.

O presidente da FEHOESP e do SINDHOSP, Yussif Ali Mere Junior, também prestigiou o evento e destacou a união das entidades em prol de melhorias. “Este tipo de reunião é muito importante. Cada vez mais precisamos nos organizar, pois sem isso não conseguiremos nada. Sairemos daqui com maior conhecimento da norma para auxiliar o setor”, afirmou.

Representando as demais entidades da área, também participaram da oficina Antônio Carlos de Carvalho (SINDHOSP); Carlos Ayres (Departamento de Laboratórios da Confede-

ração Nacional da Saúde); Eriete Teixeira (superintendente Jurídica da FEHOESP e do SINDHOSP); Fernando Henriques Pinto Junior (do SINDRIBEIRÃO); Humberto Tibúrcio (Sindlab-MG); José Carlos Barbério (presidente do IEPAS); Lenira da Silva Costa (CFF); Luiz Fernando Barcelos e Paulo Brandão (SBAC); Luiz Gastão Rosenfeld (Abramed); Marcos Machado Ferreira (CRF-SP); Tereza Neuma de Souza Brito (CRF-RN); Vítor Mercadante Pariz (SBPC/ML) e Wilson Shcolnik (SBPC/ML e Grupo Fleury).

SUGESTÕES

Os participantes da oficina de trabalho discutiram em detalhes os pontos da RDC 302 da Anvisa, desde seu objetivo e abrangência até itens específicos como definições e terminologias, postos de coleta, infraestrutura dos estabelecimentos, processos operacionais – como as fases pré-analítica e analítica – e a presença de responsáveis técnicos nos serviços, entre outros.

As sugestões discutidas no evento estão sendo compiladas e em breve devem ser reunidas em um documento conjunto das entidades do setor laboratorial.



Fotos: DIVULGAÇÃO

LIDE SAÚDE DEBATE EPIDEMIAS

Em 15 de março, o Grupo LIDE reuniu a cadeia produtiva da saúde para mais em encontro, o primeiro do ano. Como secretário interino de Estado de Saúde de São Paulo, Wilson Pollara comparou a situação atual de proliferação do *Aedes aegypti* com o que enfrentou o sanitarista Oswaldo Cruz. “É medieval hoje pessoas morrerem por doenças infecciosas. Estamos vivendo as mesmas dificuldades do sanitarista Oswaldo Cruz”, afirmou. Admitiu que a única ação efetiva é combater o vetor, e lembrou da vacina da Sanofi Pasteur, aprovada pela Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária), com eficácia de 93% em ocorrências graves, que em breve estará no mercado. Já o trabalho desenvolvido pelo Instituto Butantan, que acaba de entrar na última fase de testes, deverá culminar em uma vacina apenas em 2017.

Pollara ressaltou que 80% dos casos do foco do *Aedes aegypti* estão dentro das residências e uma das táticas do governo estadual é investir sempre e cada vez mais na educação da população. “Não adianta vacina, material publicitário e Exército nas ruas, se cada um de nós não fizer a vigilância por perto”, alertou.

Um levantamento do custo financeiro da dengue nos serviços estaduais de saúde do Estado de São Paulo revela que foram gastos entre US\$ 122 milhões a US\$ 161 milhões, somente no primeiro trimestre do ano passado, para atendimento ambulatorial, internação e serviços de UTI para aproximadamente 409 mil pacientes que foram notificados com a doença no mesmo período.

Para o presidente da FEHOESP e do SINDHOSP, Yussif Ali Mere Jr, a vigilância precisa ser constante, e o papel das entidades representativas é fundamental. “Estamos lançando uma campanha institucional de combate ao mosquito, em pleno outono, a fim de não dei-

xar as pessoas se esquecerem do problema. Precisamos nos conscientizar que o *Aedes* se prolifera também no inverno, e nos antecipar já para o próximo verão”. A arte da campanha, disponível na página 12 desta edição do jornal, está disponível para download para quem quiser replicá-la.



Yussif, Pollara e Luiz Fernando no Seminário LIDE

PROJETO BÚSSOLA CHEGA

E INICIA NOVA FASE COM SEMINÁRIOS DE SENSIBILIZAÇÃO



O crescimento no número de atendimentos nos estabelecimentos de saúde aumenta a preocupação quanto à qualidade dos serviços prestados. Para atender às necessidades do mercado e de pacientes cada vez mais exigentes, investir em gestão da qualidade e em acreditação é fundamental para quem quer um futuro promissor. Com esta visão, o Projeto Bússola chega a sua terceira edição em 2016, agregando cada vez mais modalidades de serviços. Ano passado, as clínicas de diagnóstico foram incluídas no escopo de atuação do projeto. Este ano, é vez dos serviços de *home care* serem abraçados pela iniciativa, que é promovida pela FEHOESP e pelos seus demais sindicatos (SINDHOSP, SindJundiaí, SindhosPru, SindMogi das Cruzes, SindRibeirão e SindSuzano) e organizada pelo IEPAS.

Criado em 2013 para atender uma necessidade do mercado em relação à acreditação para clínicas de serviços de saúde, o Bússola tem parceria e chancela, desde o seu início, da Organização Nacional de Acreditação (ONA). Até então não existia no mercado nenhum programa semelhante de acreditação para clínicas. “O sucesso das edições de 2014 e 2015 nos permite avaliar que estamos no caminho certo. Apostamos na ideia de levar a gestão da qualidade para todos os pequenos e médios estabelecimentos de saúde que representamos, e que são a maioria dos serviços em atividade em todo o Estado de São Paulo”, afirma o presidente da FEHOESP e do SINDHOSP, Yussif Ali Mere Jr.

A inclusão dos serviços de *home care* num programa de acreditação específico nasceu de uma ideia amadurecida em reuniões internas da categoria. “Durante as reuniões do Comitê de Clínicas da FEHOESP, os associados diagnosticaram a necessidade de estender o Bússola para os estabelecimentos de assistência domiciliar, uma vez que o mercado mostra-se cada vez mais exigente, e sempre foi um desejo nosso oferecer um projeto de qualificação para *home care*. É uma atividade muito exposta e precisa ter um esquema de gestão muito mais afinado, até mesmo do que de um hospital”, comenta o gestor do IEPAS, Marcelo Gratao.

“Qualidade é um diferencial na prestação de serviços, ainda mais no setor da saúde”, lembra a superintendente da ONA, Maria Carolina Moreno, que declara que na assistência domiciliar, muitas vezes o cliente final não opina em prol de si próprio. “Devido a seu estado de saúde, o paciente tende a buscar melhorias no atendimento a terceiros, por isso temos uma exigência de qualidade ainda maior para lidar não somente com ele que está ali passando por um momento delicado, mas também por parte da família, cuidadores e amigos que estão por perto.”

Para a diretora do SINDHOSP e da FEHOESP e gestora da Dal Ben Home Care, Luiza Watanabe Dal Ben, o projeto é uma evolução

necessária. “A saúde sempre foi uma categoria desunida, que teme a concorrência e a disputa de preços. Falamos aqui de qualidade, de uma prestação de serviços adequada ao paciente. O que precisamos neste momento é de união para aproveitar um projeto como este, que propicia uma certificação de uma organização séria e idônea, a um preço justo”, defende.

Assim como nos dois primeiros anos, em 2016 serão promovidos seminários de sensibilização, de abril a maio, com o intuito de difundir os conceitos e os benefícios da gestão da qualidade para os interessados em participar do Projeto Bússola. Serão formadas duas turmas: uma de clínicas de especialidade e de diagnóstico por imagem e outra de *home care*, que integram o quadro de sócio e/ou contribuinte dos sindicatos filiados à FEHOESP.

Para efetivamente participarem do projeto, as empresas devem se enquadrar nos critérios estabelecidos pela ONA e pela Federação. Poderão participar sócios-proprietários e gestores administrativos e/ou de Qualidade das clínicas associadas e/ou contribuintes do SINDHOSP e dos demais sindicatos da FEHOESP, que sejam pessoa jurídica, legalmente constituída há mais de um ano com CNPJ, CNES, alvará sanitário e licença de funcionamento. Além disso, é preciso que tenham atuação em diagnóstico, clínica médica geral, alergologia, angiologia, cardiologia, vascular, cirúrgica, dermatologia, endocrinologia, gastroenterologia, ginecologia, infectologia, oncologia, oftalmologia, ortopedia, otorrinolaringologia, pediatria, pneumologia, urologia, vacinação, diagnósticos por imagem, reprodução assistida e *home care*. A estrutura da clínica também não pode ser classificada, de acordo com o CNES, como consultório ou hospital dia.

Os seminários são a primeira fase do projeto, e destinam-se a apresentar os objetivos e a importância da programa de qualificação que será oferecido. Na ocasião, os participantes podem tirar suas dúvidas quanto a elegibilidade, processo de certificação, funcionamento do projeto, entre outras. Depois, as empresas interessadas submetem sua documentação, para saber se de fato são elegíveis.

A partir de 15 de maio até 22 de julho, vem a segunda



Qualidade é diferencial na saúde, afirma Maria Carolina



Um dos seminários realizados em 2015

À 3ª EDIÇÃO

etapa do Bússola, a de diagnóstico, que consiste na instrução pela instituição acreditadora credenciada (IAC). A Fundação Vanzolini, assim como em 2015, é a IAC eleita para realizar o diagnóstico da empresa, que consiste em visitas, relatórios com os processos existentes e as mudanças que precisam ser realizadas para que se consiga o certificado de acreditação da ONA.

Após o diagnóstico, vem a fase de capacitação, agendada entre 5 agosto e 30 de novembro, quando profissionais da ONA irão ministrar sete módulos para discutir as premissas do Manual Brasileiro de Acreditação. Findada esta etapa, as empresas participantes terão um ano (até dezembro de 2017) para implantar as mudanças necessárias e solicitar a visita de acreditação.

Na edição anterior, os organizadores detectaram que havia a necessidade de acompanhar mais de perto o período pós-capacitação, em que as clínicas começam de fato a implantar as mudanças e a “andar com as próprias pernas”. Por isso, foi criado um plantão de dúvidas presencial com a equipe técnica da ONA, que ficará disponível na etapa final do processo de acreditação. Para as empresas

que encerraram o ciclo de capacitação em 2015, o plantão de dúvidas estará disponível em junho deste ano. “Nosso objetivo é facilitar a implantação da acreditação, sempre pensando na gestão da qualidade e na segurança do paciente”, enfatiza Maria Carolina.

CONSOLIDAÇÃO

A primeira edição do Projeto Bússola ocorreu ao longo de 2014, com a participação de oito clínicas. Até então não existia no mercado nenhum programa semelhante de acreditação para o segmento. Desses estabelecimentos de serviços de saúde, seis já foram acreditados: Bozelli Medicina e Saúde, AlergoClínica Centro de Alergia e Dermatologia, Clínica Lund de Nefrologia de São José do Rio Pardo, Clínica Ortopédica Paulista, Vida Bem Vinda Serviços Médicos e Centro de Oncologia do ABC. As demais, Instituto de Imunologia e Oncologia e Clínica de Oftalmologia Dr. Roberto Pereira Lima Junior, estão em processo de acreditação.

No ano passado foram 17 empresas que concluíram as três etapas iniciais e agora estão se preparando para pedir a visita da ONA. “O Bússola viabiliza para estas instituições a possibilidade de desenvolver a segurança do paciente, estabelecer estratégias, medir desempenho e identificar oportunidades de melhoria. O sucesso do projeto a cada ano mostra que estamos no caminho certo e isso se deve, principalmente, a dois fatores: o valor para participar de um processo de acreditação mais acessível e também pela exigência do mercado, que está remunerando melhor quem possui a acreditação”, afirma Marcelo Gratão.

A percepção de valor agregado é compartilhada com as empresas participantes. De acordo a gerente administrativa do Centro de Oncologia do ABC, Dayane Rabello, a acreditação fortaleceu a clínica no mercado. “Participar do projeto foi enriquecedor. O longo trabalho até a acreditação propiciou não só a estruturação de processos operacionais fundamentais para nossa instituição, como também balizou o desenvolvimento de nossos colaboradores, que foram imprescindíveis durante todo o trajeto. Esta conquista nos traz grande

satisfação e vai de encontro com nossa missão, de oferecer assistência humanizada, segura e de qualidade aos nossos pacientes.”

Para Regina Oliveira, gerente administrativa da Clínica Ortopédica Paulista, o processo também foi valioso. “Foi uma ótima oportunidade, onde aprendemos e esclarecemos nossas dúvidas quanto as etapas da busca da excelência na gestão e no processo de acreditação”.



Participar do projeto foi enriquecedor, diz Dayane Rabello

CONFIRA AS DATAS DOS SEMINÁRIOS DE SENSIBILIZAÇÃO:

Data	Horário	Cidade	Local
07/abr	09h30 às 12h	São Paulo	Auditório ACEESP - Avenida Paulista, 807 - 9º andar conj. 904
12/abr	09h às 11h30	Bauru	Regional de Bauru Rua Bandeirantes, 7-20 – Bauru – SP
14/abr	14h30 às 17h	Santo André	Auditório da APM – Santo André Avenida dos Andradas, 224 – Santo André – SP
20/abr	14h30 às 17h	Sorocaba	Regional de Sorocaba Rua Cônego Januário Barbosa, 145 – Sorocaba – SP
26/abr	09h às 11h30	SJRP	Regional de São José do Rio Preto Rua Tiradentes, 2449 – Boa Vista – São José do Rio Preto - SP
28/abr	10h às 12h30	SJC	Regional de São José dos Campos Avenida Dr. João Guilhermino, 261 – 12º Andar – Sala 122 – São José dos Campos - SP
03/mai	09h às 11h30	Ribeirão Preto	SINDRIBEIRÃO Rua Álvares Cabral, 576 – Sala 51 – Centro – Ribeirão Preto – SP
06/mai	13h30 às 16h30	Araçatuba	Araçatuba Plaza Hotel - R. Gen. Glicério, 233 - Centro - Araçatuba - SP ou Auditório da APM - Araçatuba Av. Waldir Felizola de Moraes, 455 - Vila Santo Antônio - Araçatuba - SP
10/mai	10h às 12h30	Campinas	Regional de Campinas Shopping Jaraguá Conceição – Rua Conceição, 233 - Auditório – Campinas – SP

CONGRESSOS DE GESTÃO

ASSOCIADOS POSSUEM 80% DE DESCONTO; INSCRIÇÃO ANTECIPADA TAMBÉM REDUZ INVESTIMENTO

SINDHOSP, Confederação Nacional de Saúde (CNS) e Federação Nacional dos Estabelecimentos de Serviços em Saúde (Fenaess) estão nos preparativos para a realização de mais uma edição dos já tradicionais Congressos de Gestão, organizados há três anos pelo Instituto de Ensino e Pesquisa na Área da Saúde (IEPAS), durante a Feira Hospitalar (de 17 a 20 de maio, no Expo Center Norte).

Este ano, serão dois congressos, em 18 e 19 de maio: o 11º Congresso Brasileiro de Gestão em Clínicas de Serviços de Saúde e 10º Congresso Brasileiro de Gestão em Laboratórios Clínicos - este também em parceria com a Sociedade Brasileira de Patologia Clínica/Medicina Laboratorial (SBPC/ML). Para o presidente da FEHOESP e do SINDHOSP, Yussif Ali



Yussif, que preside o Congresso Internacional por mais um ano

Mere Jr, a realização dos eventos em paralelo a segunda maior feira de saúde do mundo e a maior das Américas alia conhecimento e negócio, o que é muito benéfico aos participantes.

O presidente do IEPAS, José Carlos Barbério, ressalta o trabalho cuidadoso das Comissões Organizadoras para a escolha dos temas e palestrantes. “Eles se reúnem meses antes, debatem as prioridades do setor, levantam os principais assuntos em pauta, as reivindicações, e buscam inserir na programação o que há de mais importante”. Segundo Barbério, o sucesso da fórmula fala por si: há mais de 20 anos as entidades organizadoras se empenham na realização dos fóruns de gestão.

O IEPAS investe ainda, pelo segundo ano consecutivo, na realização do Fórum de Empreendedorismo e Startups, que terá como tema “A internet das coisas” e será realizado em 20 de maio. A iniciativa é uma parceria com o Instituto de Tecnologia de Software (ITS).

EM PARALELO AOS CONGRESSOS

As entidades também confirmam que o Projeto VIP será repetido na edição 2016 da feira, em parceria com a Hospitalar Feira e Fórum. Em 2015, associados da FEHOESP e seus sindicatos filiados tiveram acesso exclusivo e antecipado ao pavilhão do Expo Center Norte, a fim de visitar fornecedores de interesse.

Mais informações sobre conteúdo programático, inscrições, valores estão no site do IEPAS: www.iepas.org.br.

CONGRESSO INTERNACIONAL

O Congresso Internacional de Serviços de Saúde (CISS) é o carro-chefe da programação de mais de 60 eventos realizados durante a Feira, e acontecerá em 18

10º CONGRESSO BRASILEIRO DE GESTÃO EM LABORATÓRIOS

Dia 18/05/2016 - Das 8h às 17h

Auditório 13 – Cantareira 4 - 2º andar – Centro de Convenções – Expo Center Norte – SP
PROGRAMA PRELIMINAR

08h00 - Credenciamento

08h30 - Abertura - CNS / FENAESS / SINDHOSP

José Carlos Barbério – presidente – IEPAS – SP
Alex Galoro – presidente – SBPC/ML – SP
Jerolino Lopes Aquino – presidente – SBAC – RJ

08h50 - Novas relações entre as instituições de saúde – Palestra

COORDENADOR: Luiz Fernando Ferrari Neto – diretor – FEHOESP/SINDHOSP – SP
PALESTRANTE: José Luiz Bichueti – Bichueti Consultoria Empresarial Ltda. – SP
Interação com a plateia

09h45 - Discutindo jejum nos exames laboratoriais – Palestra / Debate

COORDENADOR: Carlos Alberto Franco Ballarati – SP
Palestrante: Nairo Massakazu Sumita – diretor de serviço – Laboratório Central – HC/FMUSP – SP
PALESTRANTE: Luiz Gastão Rosenfeld – coordenador Câmara Técnica – ABRAMED – SP
Interação com a plateia

10h30 - Intervalo

11h00 - Regulação dos laboratórios clínicos sob a ótica da Anvisa – GGTES RDC 302, RDC 30, acreditação, risco do paciente

COORDENADOR: Wilson Shcolnik – gerente de Relações Institucionais – Grupo Fleury – SP
Palestrante a confirmar
Interação com a plateia

11h55 - Intervalo para almoço

13h30 - Como estamos trabalhando para fortalecer o setor laboratorial? – Mesa Redonda

COORDENADOR: Vitor Mercadante Pariz – diretor – Quaglia Laboratório/Grupo Sabin - SP
PALESTRANTES: Yussif Ali Mere Junior – presidente – FEHOESP/SINDHOSP – SP
Alex Galoro – presidente – Sociedade Brasileira de Patologia Clínica/Medicina Laboratorial – RJ
Jerolino Lopes Aquino – presidente – Sociedade Brasileira de Patologia Clínica – RJ
Cláudia Cohn – presidente – Associação Brasileira de Medicina Diagnóstica – SP

14h40 - Intervalo

15h00 - Alternativas fora das operadoras – Cases

COORDENADOR: Rafael Padovani – diretor – Laboratório Rocha Lima – SP
Apresentação de trajetórias de empresas inovadoras
Interação com a plateia

17h00 - Encerramento



ÃO ABREM INSCRIÇÕES

de 19 de maio. Pelo terceiro ano consecutivo, Yussif Ali Mere Jr ocupa o posto de presidente do CISS. O tema central será “Economia da Saúde – Saúde da Economia”, com o objetivo de mostrar como funcionam e se mantêm os sistemas de saúde nas principais economias mundiais – como França, Espanha e Estados Unidos.

A França, por exemplo, possui o sistema de saúde mais eficiente, segundo a Organização Mundial de Saúde. E o CISS trará representantes do Ministério da Saúde e da Agência Regional de Saúde daquele país.

Outros assuntos serão inseridos no contexto do tema central, como o impacto da tecnologia nos serviços de saúde, a mudança demográfica dos países, e as consequências das crises econômicas nos sistemas de saúde.

Saiba mais sobre a programação do CISS no site www.hospitalar.com.

SOB A CHANCELA DA UBM BRAZIL

A edição de 2016 da Feira Hospitalar será a primeira sob a tutela da UBM Brazil, grupo britânico líder global em mídia de negócios e segunda maior organizadora de eventos no mundo, que anunciou em junho de 2015 a aquisição da Hospitalar Feiras e Congressos.

A Hospitalar foi fundada em 1994 pela médica Waleska Santos e hoje atrai a visita de mais de 95 mil profissionais do setor durante seus quatro dias de realização. A relevância do evento em termos de geração de conteúdo especializado e potencial de negócios sempre chamou a atenção da UBM Brazil. “O evento também tem grande sinergia com os nossos negócios no exterior, onde já operamos com a UBM Life Sciences, uma unidade especificamente dedicada à organização de eventos, conferências e geração de conteúdo para o setor da saúde, médico, veterinário e farmacêutico”, explicou o presidente da UBM Brazil à época do anúncio, Jean François Quentin.



José Carlos Barbério, que preside o IEPAS, organizador dos Congressos

11º CONGRESSO BRASILEIRO DE GESTÃO EM CLÍNICAS DE SERVIÇOS DE SAÚDE

Dia 19/05/2016 - Das 8h às 16h10

Auditório 13 – Cantareira 4 - 2º andar – Centro de Convenções – Expo Center Norte – SP
PROGRAMA PRELIMINAR

08h00 - Credenciamento

08h50 - Abertura - CNS / FENAESS / SINDHOSP

José Carlos Barbério – presidente – IEPAS – SP

09h00 - Preparar

Inovar ou morrer – Palestra

09h40 - Apontar – Parte 1

Inovação para clínicas de serviços de saúde – quais os ganhos para sua empresa – Palestra

10h20 - Intervalo

11h55 - Intervalo para almoço

10h50 - Apontar – Parte 2

Inovação para clínicas de serviços de saúde – cases – Palestra

12h00 - Intervalo para almoço

13h30 - Fogo – Parte 1

Como preparar sua empresa para o futuro – Palestra

Sistema Lean de Gestão

14h20 - Intervalo

15h10 - Fogo – Parte 2

Como preparar sua empresa para o futuro – Palestra

Design Thinking

16h10 - Encerramento



A UBM foi fundada em 1918, tem sede em Londres e está presente em mais de 20 países, nos cinco continentes. Com 5.500 funcionários e 160 escritórios, atua em dezenas de setores, que vão da alta tecnologia à moda e ao setor de saúde. No país desde 1994, a UBM Brazil foi a primeira multinacional a entrar no mercado brasileiro de feiras. Conecta profissionais dos diversos segmentos da indústria, tais como construção civil, transporte de carga, logística e comércio internacional, portos, terminais e armazéns, tecnologia e eletrônica, indústria médica e farmacêutica, ingredientes alimentícios, indústria metroferroviária e indústria naval.

COBERTURA EM TEMPO REAL

Em maio de 2016, a equipe de jornalismo da FEHOESP, do SINDHOSP e do IEPAS estará concentrada na Feira Hospitalar e nos Congressos de Gestão. A ideia é oferecer cobertura em tempo real dos congressos, palestras, conferências e seminários que acontecerão ao longo dos quatro dias da 23ª Hospitalar.

Além dos sites, que serão atualizados diariamente com notícias diretamente do Expo Center Norte, as redes sociais Facebook, Twitter, Instagram e Youtube apresentarão vídeos, entrevistas, reportagens e notas sobre tudo que acontece no maior evento de saúde da América Latina.

DESAFIOS DO FINANCIAMENTO DA SAÚDE

INSTITUTO COALIZAÇÃO SAÚDE DEBATE TEMA EM SP

A crise econômica que o Brasil atravessa já atingiu o setor de saúde. Em 2016, segundo estudo do Conselho Nacional das Secretarias Municipais de Saúde (Conasems), a saúde brasileira tem R\$ 10 bilhões a menos para investir em relação ao ano passado. “Para que possamos entender o tamanho do problema, o SUS tem dinheiro para oferecer assistência a mais de 150 milhões de brasileiros até o próximo mês de setembro”, exemplifica o presidente da FEHOESP e do SINDHOSP, Yussif Ali Mere Jr.

Para debater o atual cenário de financiamento do setor e os desafios para as próximas gerações, o Instituto Coalização Saúde (ICOS), que tem a FEHOESP como uma das entidades fundadoras, reuniu, em 9 de março, lideranças da saúde, no Centro de Debates de Políticas Públicas, na capital paulista. “Geramos mais de cinco milhões de empregos diretos. Só esse dado mostra que a saúde tem um alto valor para a produtividade do país. A Alemanha conseguiu amenizar os efeitos da crise econômica mundial, em 2008, graças à inovação registrada na área da saúde no país. No Brasil, toda a cadeia se sente impotente e o ICOS veio preencher essa lacuna”, declarou o presidente do Instituto e do Hospital Israelita Albert Einstein (HIAE), Cláudio Lottenberg.

Ele defendeu a ampliação das parcerias público-privadas (PPPs) e um redesenho na estrutura e operacionalização do sistema de saúde brasileiro. “Nosso modelo é hospitalocêntrico, o que distorce a atividade dos hospitais, que têm médias de permanência acima do necessário. A fragmentação da assistência também contribui para o desperdício exagerado, falta integração.”

O atual modelo de remuneração na saúde suplementar, que incentiva o uso cada vez maior de novas tecnologias, também foi alvo de críticas por parte do presidente do ICOS. “Isso distancia os hospitais de sua essência e não agrega qualidade.” Lottenberg citou a experiência entre o HIAE e o Bradesco Saúde, que conseguiu gerar economia de US\$ 26 milhões evitando cirurgias desnecessárias de coluna, sustentadas em uma segunda opinião médica. A baixa qualificação profissional, porém, é um obstáculo para a mudança. “Formamos profissionais distantes da realidade de financiamento e do modelo existente. A tecnologia, apesar do valor que agrega na prática assistencial, é supervalorizada. A remuneração deve primar pela excelência. Eficiência é uma exigência de quem quer se manter vivo no mercado”, defendeu.

Com todos os problemas que o setor atravessa no país, o futuro presidente da Federação Internacional de Hospitais (IHF) e atual dirigente da Associação Nacional dos Hospitais Privados (Anahp), Francisco Balestrin, lembrou que o Brasil é a sétima economia do mundo, mas é o terceiro maior mercado de saúde. Porém, das dez maiores economias, só EUA e Brasil têm maior participação do setor privado em relação ao público. “Como isso pode ocorrer em um país que pretende oferecer assistência universal a todos os seus cidadãos?”, questionou. Os números atestam a queda do investimento público: enquanto em 2013 a saúde respondia por 9,7% do Produto Interno Bruto (PIB), em 2015 esse percentual caiu para 9,5%.

“A saúde privada é responsável por 55% dos gastos em saúde no Brasil, ou R\$ 308,3 bilhões, 5,2% do PIB. Desse total, a saúde suplementar responde por R\$ 143,9 bi, ou 2,4% do PIB. O restante, R\$ 164,5 bi, ou 2,8% do PIB, são investimentos diretos das famílias com saúde e medicamentos”, informou o presidente da IHF. O setor público, portanto, com 45% dos recursos investidos na área, representa 4,2% do PIB, assim divididos: 1,5% da União, 1,2% dos Estados e 1,5% dos municípios. O investimento público per capita em saúde, em 2015, foi de R\$ 1.246.

Várias são as dificuldades para readequar o sistema de saúde brasileiro, segundo os deba-

tedores. Entre elas: agências reguladoras politizadas, distorcendo suas finalidades; pautas políticas que precedem pautas técnicas, o que “institucionaliza a bagunça”, segundo Lottenberg; falta de ordem de financiamento dentro do Ministério da Saúde, levando a aplicação de recursos em modernas tecnologias que não melhoram os indicadores de saúde; terminologias e dados entre os setores público e privado diferentes, o que dificulta a integração e a geração de dados e informações; o viés ideológico que ainda faz com que a participação da iniciativa privada na saúde seja vista com desconfiança; baixo investimento em saneamento básico e educação.

Uma mudança efetiva, que garanta às futuras gerações uma saúde mais digna e equitativa, deve mexer na base de mecanismo do sistema. Para Cláudio Lottenberg, todos os atores da cadeia produtiva, principalmente os prestadores de serviços, devem ganhar não para tratar da saúde, mas para cuidar da saúde das pessoas.

ORIGEM

Em outubro de 2014, um grupo de representantes da cadeia produtiva da saúde se reuniu para discutir o futuro do setor. “Esse encontro foi chamado de Coalização Saúde. Daí nasceu o Instituto que leva o mesmo nome e que pretende contribuir para o debate e a busca de avanços em saúde”, afirma o presidente do SINDHOSP e da FEHOESP – e um dos fundadores e integrantes do Coalização Saúde, Yussif Ali Mere Jr.

A palavra coalização vem do latim *coalescere*, que significa crescer em conjunto. Por isso, integram o Instituto lideranças dos prestadores de serviços, operadoras de planos de saúde, indústria farmacêutica e da indústria de materiais e equipamentos médicos, como Anahp, FenaSaúde, Interfarma, Abimo, Abramge, Abramed, Abimed, Unidas, Confederação Nacional da Saúde (CNS), entre outras.

O Instituto trata de oito temas, divididos em quatro grupos de trabalho: Ética e Conduta Empresarial; Inovação; Integração Público-Privada; Judicialização; Promoção; Racionalização da Regulação; Sustentabilidade Financeira do Setor; e Parceria com o Corpo Técnico-Assistencial.



Brasil é o 3º mercado de saúde do mundo, segundo Balestrin



Geramos 5 milhões de empregos diretos, diz Lottenberg

ATLAS DO CÂNCER **GANHA** VERSÃO INÉDITA EM PORTUGUÊS

O Hospital de Câncer de Barretos, em parceria com a *American Cancer Society* (Sociedade Americana de Câncer – ACS), lançou neste mês de março a primeira edição em português do Atlas do Câncer, um livro didático com informações sobre prevenção e dados do câncer no Brasil. A publicação, desenvolvida em conjunto com a Agência Internacional de Pesquisa em Câncer (IARC) e a União Internacional para Controle do Câncer (UICC), foi criada com o objetivo de aprimorar as consultas e tratamentos, além de traçar um panorama global da doença por meio de informações coletadas em 185 países.

Segundo José Humberto Tavares Fregnani, médico diretor-executivo do Instituto de Ensino e Pesquisa (IEP) do Hospital de Câncer de Barretos, o Atlas se destaca por reunir informações objetivas, impactantes e em linguagem acessível. “Evidencia ainda, de maneira contundente, o impacto do câncer para a sociedade em diversos cenários pelo mundo, incluindo a América Latina”, explica. “O hospital foi responsável por auxiliar na revisão do conteúdo, além de contribuir na elaboração da inovadora publicação, que servirá como referência e consulta na luta contra o câncer”, comenta.

O livro apresenta um dado preocupante: até os 75 anos, estima-se que um em cada cinco brasileiros deve desenvolver algum tipo de câncer. Para Fregnani, a mudança de hábitos tem levado a uma transição nos tumores no Brasil. “Mais da metade da população brasileira está acima do peso e há tumores que estão associados com a obesidade”. Levando em conta o crescimento e o envelhecimento da população, estima-se que o número de novos casos chegue a cerca de 22 milhões em 2030 em todo o mundo. O maior crescimento, da ordem de 70%, será visto na África, Ásia e América Latina, devido à falta de recursos adequados nos países desses continentes. Uma estimativa do Instituto Nacional de Câncer (INCA) para o biênio 2016/2017 mostra 600 mil novos casos da doença no país.

A expectativa dos idealizadores é que a versão em português ajude a população a se informar mais sobre a doença e a evitá-la, tendo em vista que o aumento da obesidade e dos maus hábitos no Brasil, por exemplo, estão tornando o câncer mais prevalente. Ainda segundo Fregnani, a publicação ajudará também os profissionais de saúde que não são especializados em câncer. “Os oncologistas poderão usar o livro para mostrar ao paciente o que eles estão dizendo. Já para os médicos que não são especializados em câncer, o atlas irá colaborar para que possam entender mais

sobre a doença e saber como conversar sobre a prevenção com os pacientes, devido a linguagem simples e acessível”, diz.

A edição é tida como única pelo diretor-executivo da ACS, Gary Reedy, pois reúne opiniões de especialistas de várias partes do mundo e conta com o envolvimento de mais de 40 autores e parceiros. “A acessibilidade do Atlas também é outro diferencial. A primeira etapa da prevenção é a compreensão das causas e a publicação apresenta um resumo valioso dos principais fatores de risco da doença, por isso disponibilizamos em uma edição online gratuita”, explicou.

O livro mostra que os tipos de câncer mais comuns no Brasil, o de mama entre as mulheres e o de próstata nos homens, têm as chances de tratamento e cura enormemente facilitadas quando o diagnóstico é precoce. Por isso, os médicos insistem na importância da prevenção.

O estudo feito no mundo inteiro obteve dados importantes sobre a ocorrência dos tipos da doença. Entre as mulheres, o câncer de mama é o de maior incidência. Depois, aparecem os cânceres de intestino grosso e de colo do útero. No caso dos homens, o de pulmão é mais frequente no leste europeu, na Ásia e no norte da África. O câncer de próstata é o que mais ocorre na Europa ocidental, na maior parte da África e nas Américas, incluindo o Brasil. Fregnani afirma que o número de casos de câncer no intestino grosso tem crescido no Brasil, e que o motivo pode estar aliado às mudanças no hábito da população. “Os brasileiros estão cada vez mais acima do peso, e a obesidade, o sobrepeso, são fatores de risco para o câncer colo-retal também”, diz.

Para o ginecologista Júlio César Possati Resende, do Departamento de Prevenção do Hospital de Barretos, a prevenção é o principal fator que contribui para minimizar o risco de morte pela doença. “Nós consideramos que quando você consegue identificar os fatores de risco e também consegue identificar formas de detectar câncer precocemente, você tem um passo muito grande, um ganho em termos de diminuir a mortalidade e todos os problemas relacionados à doença em si”, afirma.

SOBREVIVENTES

A publicação aponta que há mais sobreviventes vivendo em regiões mais desenvolvidas (17 milhões) do que em regiões menos desenvolvidas (15,6 milhões), embora mais casos sejam diagnosticados em países de renda baixa e média. Isso reflete uma sobrevivência mais alta, relacionada a maiores taxas de detecção precoce e melhor acesso a tratamentos efetivos em países de alta renda.

Dentre os homens diagnosticados nos últimos cinco anos, mais de um quarto de todos os sobreviventes do câncer tiveram diagnóstico de câncer de próstata; depois desse, o câncer de cólon e reto (13%) e o câncer de pulmão (8%) foram os tipos mais comuns diagnosticados. As sobreviventes do câncer de mama predominam entre as mulheres e constituem mais de um terço de todas as que vivem com um diagnóstico de câncer nos últimos cinco anos. Há uma estimativa de 33 milhões de adultos sobreviventes do câncer em todo o mundo que foram diagnosticados nos últimos cinco anos. O câncer é responsável por 34% das necessidades de cuidados paliativos de adultos em todo o mundo.



ESPECIALISTA EM SUSTENTABILIDADE EMPRESARIAL VISITA SINDHOSP

Foto: DIVULGAÇÃO



Marcelo Gratão, Livio Giosa e Luiz Fernando Ferrari

O administrador de empresas com especialização em *Business Administration* pela New York University, Livio Giosa, visitou, em 18 de março, as sedes da FEHOESP, SINDHOSP e IEPAS, em São Paulo.

Presidente do Centro Nacional de Modernização (Cenam) - organização não governamental que fomenta conteúdo para aplicação em empresas e estimula os processos de modernização nas companhias e na sociedade, Giosa tem vários livros publicados, entre eles, o best-seller "Terceirização: uma abordagem estratégica".

Na visita, Giosa conversou com o vice-presidente do SINDHOSP e diretor da FEHOESP, Luiz Fernando Ferrari Neto, e com o gestor do IEPAS, Marcelo Gratão, sobre uma possível parceria com as entidades para a implantação de um projeto-piloto de sustentabilidade empresarial, por meio de inovação e integração, aliado à responsabilidade ambiental e ações de cidadania.

ANAHAP RECEBE 1º ENCONTRO DE FELLOWS

Foto: LEANDRO GODDI



Yussif, Francisco Balestrin, Luiz Fernando e Daniel Coudry

Em 21 de março, o presidente da FEHOESP e do SINDHOSP, Yussif Ali Mere Jr, e o vice do

SINDHOSP, Luiz Fernando Ferrari Neto, estiveram na sede da Associação Nacional dos Hospitais Privados, para o I Encontro de Fellows do Colégio Brasileiro de Executivos da Saúde (CBEXs).

O objetivo foi disseminar a atuação do CBEXs entre os líderes, que gira em torno de programas de educação continuada voltada aos executivos do segmento. Alinhado às tendências mundiais de mercado, o CBEXs pretende estimular as instituições a incluir nas diretrizes de suas atividades a excelência em gestão, elevar a eficiência das empresas por meio de um mecanismo de certificação para gestores de saúde, disseminar as boas práticas de gestão e governança corporativa na cultura das organizações, além de capacitar profissionais, conselheiros, diretores executivos e outros agentes associados. A ideia é elevar o nível de excelência dos líderes em saúde, para que eles atuem como agentes de transformação.

Segundo Luiz Fernando Ferrari, durante o evento foram criados cinco grupos de trabalho, a fim de que os membros atuem em prol de disseminar os conceitos do CBEXs junto ao setor. "Boas práticas de gestão e de governança corporativa só serão alcançadas com executivos aperfeiçoados", diz.

O Colégio é uma entidade brasileira sem fins lucrativos, focada nos aspectos associativos, de educação e representatividade (*advocacy*) para executivos e gestores que atuam na área da saúde, alinhada às tendências mundiais de mercado.

COMITÊ DE TERAPIA RENAL PARTICIPA DO DIA MUNDIAL DO RIM

O presidente do SINDHOSP e da FEHOESP, Yussif Ali Mere Jr, e o coordenador do Comitê de Terapia Renal Substitutiva da FEHOESP, João César Mendes Moreira, participaram, em 10 de março, de um ato solene de Conscientização ao Dia Mundial do Rim no Senado Federal.

O evento foi promovido pela Federação Nacional das Associações de Pacientes Renais e Transplantados do Brasil, com apoio da Associação Brasileira de Clínicas de Diálise e Transplante de Órgãos e da Sociedade Brasileira de Nefrologia (SBN).

Segundo Yussif, que é nefrologista, as clínicas hoje dependem muito do SUS e há uma defasagem de cerca de 50% no valor dos procedimentos pagos. "O ato apresenta nossa preocupação quanto ao possível descredenciamento de prestadores de serviços caso os valores não sejam revistos", explicou.

CNS REALIZA PRIMEIRA REUNIÃO DE COMITÊS

Foto: DIVULGAÇÃO



Grupo que participou da reunião na CNS

Em 8 de março, na sede da CNS, em Brasília, foi realizada a primeira reunião de 2016 do departamento de Laboratórios. O vice-presidente do SINDHOSP e diretor da FEHOESP, Luiz Fernando Ferrari Neto, esteve presente. O encontro teve o intuito de abordar vários assuntos pertinentes, como a ação de desequilíbrio econômico/SUS; a revisão da RDC 302 e RDC 20; a lei 13.003 - contratualização, situação atual e sugestão de medidas a serem tomadas; e ainda discutir sobre o PL 1.886/2015 que trata da proibição de publicação de valores de referência em exames; e a criação de comissões de trabalho.

O deputado Ronaldo Nogueira (PTB-RS), da Frente Parlamentar em defesa dos laboratórios clínicos, abordou a revisão da Tabela SUS; negociação da CPMF por retirada da Cofins, IOF e CSLL; criação de linha de crédito para laboratórios; e a audiência pública federal que será em abril.

Nesse mesmo dia, a entidade também realizou o primeiro encontro do departamento de Saúde Suplementar (DSS), que tem o vice-presidente da CNS, Marcelo Britto, como diretor. Compõem ainda o DSS: Danilo Bernik e Patrícia Molina, da FEHOESP; João de Lucena, da Feherj; Cícero Andrade, da Fenaess; Benno Kreisel, da Fehospar; Braz Vieira, da Fehoesc; Maisa Domech, da Febase; Flávio Borges, da Fehosul; Hernani Kruger, da Fehoesc; e Humberto Tibúrcio, do Sindlab-MG.

A proposta do DSS é instrumentalizar a diretoria da CNS com informações técnicas e administrativas nas relações entre operadoras de planos de saúde e prestadores de serviços; buscar entendimentos com a Abramge, Unimed, Fenasaúde e demais representantes das operadoras para discutir alternativas de entendimentos e soluções para as pendências em relação ao cumprimento da lei 13.003/2014.

SETOR DE OPME PRECISA DE ÉTICA E GESTÃO

O Brasil está passando por um dos momentos mais importantes de sua história, no qual a sociedade discute de forma contundente, em todos os níveis e setores, a importância do combate à corrupção como forma de garantir instituições públicas e privadas mais sustentáveis e éticas, no entendimento mais amplo destes termos.

Essas discussões também permeiam a área da saúde, principalmente se lembrarmos o escândalo da “máfia das próteses” amplamente noticiado pela grande imprensa em janeiro de 2015, quando veio à tona que profissionais de medicina estavam colocando interesses financeiros acima das vidas de pacientes. “As denúncias envolvendo o mercado de órtese, próteses, materiais especiais (OPMEs) expuseram uma série de vícios e práticas duvidosas ao setor. Infelizmente, foi somente a partir dos escândalos que uma fatia importante de médicos, fornecedores, operadoras de planos de saúde e hospitais compreendeu a necessidade não só de se manter uma conduta ética nas suas relações comerciais, mas também de tornar pública a preocupação com a transparência dos negócios que realiza.” Esta afirmação foi feita pelo diretor-superintendente do Instituto de Responsabilidade Social Sírio-Libanês, Gonzalo Vecina Neto, no 10º Encontro Anual de OPMEs - Convergência Setorial e Ética na Gestão dos Dispositivos Médicos Implantáveis (DMIs), realizado no dia 8 de março, em São Paulo.

Para Vecina, o maior problema das OPMEs é o custo absurdo, somado aos desacertos do mercado, como a remuneração dos honorários médicos e os valores pagos aos hospitais. “As OPMEs têm cada vez mais comprometido os custos da assistência à saúde. O avanço tecnológico nessa área tem sido vertiginoso, especialmente em algumas especialidades, como cirurgias de coluna, ortopédicas e endovasculares. Não bastasse isso, os médicos são assediados pelas distribuidoras de materiais e fabricantes. Essas estão dentro dos centros cirúrgicos dos hospitais, oferecendo ao profissional materiais que facilitam o seu trabalho, sem, no entanto, trazer a confirmação de sua eficácia para o paciente. Alguém paga essa conta, pois o material oferecido não é de graça”, ressalta.

O Brasil está na 11ª posição no mercado de dispositivos médicos, de acordo com nota técnica emitida em março de 2015 pela Associação Nacional do Hospitais Privados (Anahp), movimentando cerca de R\$ 7 bilhões/ano (ou US\$ 3 bi) – o que representa despesa per capita de US\$ 15 ao ano – índice distante de países desenvolvidos como Alemanha (US\$ 197), Espanha (US\$ 127), Itália (US\$ 148) e Estados Unidos (US\$ 330). A maior parte desses dispositivos é importada e o custo de OPME corresponde a aproximadamente 10% do sinistro total das operadoras e em torno 20% do custo em internações, o que demonstra a importância do item na composição dos custos em saúde.

Apesar de vários esforços na gestão desse gasto, o peso do material especial na conta médica aumentou e, segundo a Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS), o segmento da saúde privada tem sofrido variação nos custos médios em internação em torno de 14% ao ano, desde 2002. Esse incremento nesse período provavelmente tem como grande responsável as OPMEs. “O aspecto mais importante desta cadeia é a liberdade de precificação que os distribuidores de dispositivos médicos usufruem. Ademais, muitos possuem exclusividade sobre determinadas regiões, o que impacta diretamente no preço. Não adianta Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) se nada for feito. O sistema precisa ser revisto imediatamente”, alerta Vecina.

Para o diretor de Compras e Facilities da Amil, Marcelo Leme Silva, o Brasil carece de regras para a produção, distribuição, controle de qualidade e transparência de preço de dispositivos médicos. Estas questões poderiam ser solucionadas por meio de reformas macro e microeconômicas, por exemplo, pelo intercâmbio de informações assistenciais entre os prestadores públicos e privados (reduzindo assimetrias de informação), a redução de barreiras regulatórias desnecessárias, e o estabelecimento de um marco legal único e comum. “Está em nossas mãos discutir o que precisa ser feito e a questão dos custos. Se deixarmos que o Estado faça isso, virá uma regulação com mãos de ferro”, alerta.

O cirurgião torácico e professor de Gestão em Saúde da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre, Alberto Kaemmerer, sugere que objetivos de uma instituição hospitalar na gestão de OPME devem ser a segurança do paciente, eficiência operacional, redução de desperdício

e variabilidade, relações comerciais e técnicas harmoniosas, oferecer uma boa relação custo-benefício para os materiais, eliminação do risco de glosas/atrasos no faturamento, inspirar confiança e resolubilidade e, com certeza, ser uma instituição economicamente viável. “Os dispositivos médicos hospitalares representam uma das áreas mais complexas e incompreendidas no mundo da saúde, onde cada grupo possui determinadas características, como preço, giro, data de validade, prazos de entrega, dentre outras, o que faz deles preponderantes na balança das contas hospitalares”, comenta.

A natureza do vínculo dos médicos com os hospitais é outro fator fundamental nas discussões sobre a gestão dos DMIs. Em um sistema com médicos que integram o corpo clínico próprio do hospital, há maior margem para organizar suas atividades, treinar os profissionais e padronizar o mate-

Foto: DIVULGAÇÃO



rial. No Brasil, há predomínio do modelo de corpo clínico aberto entre os principais hospitais. Nesse modelo, em que o hospital credencia os profissionais para o uso de suas instalações para prestar assistência aos doentes do médico, este tem maior autonomia na decisão sobre qual material utilizar, e os hospitais maior dificuldade para treinar esses profissionais. “O atual modelo brasileiro requer que os hospitais de saúde desenvolvam modelos inovadores de organização e gerenciamento do corpo clínico, buscando entre outras metas, a padronização dos procedimentos e dos materiais utilizados, bem como modelos de remuneração que incentivem o cumprimento dessas metas. Porém, o que vemos é que as instituições hospitalares sofreram um rebaixamento hierárquico no setor nos últimos dez anos que resultou no que estamos vivendo hoje: muita desconfiança”, afirma Kaemmerer, que sugere o corpo clínico em camada como solução para a questão. “Com o compromisso com a gestão, ensino e pesquisa, atacamos o problema na raiz. A cura do sistema se dará com atitudes.”

O verão passa. O MOSQUITO

FICA.



Saiba mais:

#COMBATEAEDES



www.sindhosp.com.br/noticias/10628/Campanha